

# CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO DO RIO DE JANEIRO: RESTAURO E REVITALIZAÇÃO

## SAINT ANTHONY'S CONVENT IN RIO DE JANEIRO: RESTORATION AND REVITALIZATION

Olínio Gomes P. Coelho<sup>10</sup>

RESUMO: Restauro e revitalização do Complexo Arquitetônico do Convento e Igreja de Santo Antônio do Rio de Janeiro. Documentação, levantamento, prospecções, pesquisas e projeto. Sustentabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro; arquitetura; restauro; revitalização.

ABSTRACT: Restoration and revitalization of the Architectural Complex of the Convent and Church of Santo Antônio at Rio de Janeiro. Documentation, survey, prospections, researches and project. Sustainability.

KEYWORDS: Convent of Santo Antônio at Rio de Janeiro; architecture; restoration; revitalization.

*Quem passa pelo Largo da Carioca ou por seus arredores, não pode deixar de olhar para o histórico e vetusto Convento de Santo Antônio, repousando a cavaleiro sobre os restos do morro do mesmo nome. É um monumento que dá testemunho de seu glorioso passado, eficaz presente e esperançoso futuro, por isso digno de ser carinhosamente conservado para as gerações futuras.*

Frei Albano Marciniszyn, OFM.

## HISTÓRIA

A Ordem dos Frades Menores (Franciscanos) mantenedora do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro está profundamente ligada à

---

<sup>10</sup> Arquiteto, Urbanista, Livre docente e doutor em Arquitetura. Professor Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

história do Brasil, desde o dia de seu descobrimento. Com efeito, em 1500, Frei Henrique de Coimbra, integrante da expedição de Cabral, celebrava a primeira missa em terra brasileira. Mais tarde, dois franciscanos desembarcavam em Porto Seguro com a finalidade de cristianização dos indígenas. No entanto, depois de batizados alguns elementos da tribo Tupiniquim, foram mortos por outros indígenas pagãos. Outros dois franciscanos vindos da Itália, em 1548, também não conseguiram cumprir sua missão de cristianização: um morreu afogado ao atravessar um rio e o outro retornou ao seu país.

Em 1558, chega a Vila Velha o irmão leigo Frei Pedro Palácios, de nacionalidade espanhola, onde viveu como eremita, fazendo excursões missionárias entre os índios e fundando a Igreja de Nossa Senhora da Penha.

Em 1577, o Governador de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho, concededor dos relevantes serviços prestados por Frei Álvaro da Purificação em Santo Antônio dos Currais, solicitou à Província Franciscana que enviasse mais religiosos a Pernambuco. Em 12 de abril de 1585, chegavam a Recife os sete primeiros frades, que com os que vieram depois, lançaram os fundamentos para as duas províncias franciscanas, a de Santo Antônio no Norte e a da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, no Sul. Concluindo, Marciniszyn diz:

Em 1592, estiveram no Rio de Janeiro Frei Antônio das Chagas e Frei Antônio dos Mártires, procedentes de Vitória do Espírito Santo. Receberam em doação, feita pela Câmara, um terreno com uma ermida na Praia de Santa Luzia. Quinze anos mais tarde, no dia 15 de fevereiro de 1607, aportaram o Custódio Frei Leonardo de Jesus e mais quatro frades, entre eles Frei Vicente do Salvador. Não se agradaram do lugar doado. Pediram e receberam em permuta o Morro dos Carmelitas. Nessa ocasião foi-lhe devolvido o nome primitivo: Morro de Santo Antônio.

No dia 19 de abril, foi assinada a escritura pelo governador Martim Afonso de Sá e outras pessoas. No dia 25 do mesmo mês, os frades se transferiram para uma casa cedida por Fernando Afonso, ao lado da ermida de Santo Antônio, perto do atual convento. Ali construíram a residência provisória, que foi inaugurada aos 4 de outubro de 1607. Em seguida, o Custódio voltou para

Olinda, deixando os quatro frades, e nomeando Frei Vicente do Salvador para superior.

Em 1608, aos 4 de junho, o Custódio estava novamente no Rio de Janeiro para lançar a pedra fundamental do convento definitivo. Ao ato estiveram presentes o governador Afonso de Albuquerque, o Vigário da Sé, o Reitor do Colégio dos Jesuítas e o Administrador Eclesiástico Mateus da Costa Alboim, que oficiou e presidiu todos os atos assistidos pelas Autoridades e grande multidão de povo.

Voltando para Olinda, o Custódio levou consigo Frei Vicente do Salvador e nomeou em seu lugar, como superior, Frei Estêvão dos Anjos.

Em 1614, no Capítulo de 15 de outubro, foi eleito o primeiro guardião do Convento de Santo Antônio: Frei Antônio do Calvário. Em 1615, aos 7 de fevereiro, a comunidade já se transferiu para o novo convento, apesar de a igreja estar ainda longe da conclusão.

Em 1617, o novo guardião Frei Bernardino de Santiago empenhou-se muito por concluir a igreja e deu-a por terminada em 1620. O término da igreja e do convento significa tão-somente o apronto das condições de uso e de moradia. As obras de acabamento e de arte continuaram por muito tempo, tanto assim que somente no guardianato de Frei Serafino de Santa Rosa (1707-1710) foi colocado o forro do claustro. (MARCINISZYN, 1975, p.2).

## RESTAURO E REVITALIZAÇÃO

O projeto de restauro e revitalização do complexo arquitetônico integrado pelo Convento de Santo Antônio e por sua Igreja é um dos mais importantes projetos realizados em nosso país.

Seguindo os princípios internacionais contemporâneos de preservação de bens culturais, este projeto assume propostas que resgatam os espaços arquitetônicos originais, bem como preservam as diversas intervenções realizadas na edificação que tenham tido singular significação em seu contexto cultural. Assim, o projeto promove a restauração de elementos arquitetônicos e decorativos do Convento, suas capelas e claustro, bem como as talhas que integram a capela-mor, altares laterais e nave da igreja, buscando seu aspecto original.

O projeto de restauro configura-se como um “momento metodológico de reconhecimento da obra de arte”, considerada em sua consistência física e em sua dupla polaridade de valores estéticos e históricos, como afirma o historiador Cesare Brandi (1963, p. 6). Assim, a restauração deve contemplar não apenas procedimentos de natureza física ou material, como também valorizar os conteúdos histórico e cultural do monumento.

Trata-se, realmente, de um projeto de restauração, e não de um conjunto de obras e serviços de conservação. A realização integral desse projeto permite que o monumento seja salvaguardado de ameaças à sua integridade física, como também de futuras intervenções que venham a descaracterizar esse inestimável bem cultural. A presença da comunidade religiosa, que há mais de quatro séculos vive no edifício e que continuará a utilizá-lo, é a garantia de sua preservação, pois que, como afirma o professor e restaurador Wladimir Alves de Souza (1971, p.10), “o uso conserva”. O projeto restabelece a unidade potencial do monumento sem cometer falsos históricos ou artísticos, e sem destruir traços estéticos e referências históricas significativas da vivência desse bem através do tempo. Todas as intervenções necessárias ao pleno uso do monumento em suas novas atividades são facilmente reconhecíveis sem, no entanto, interferência em sua unidade contextual original.

O restauro e a revitalização desse complexo foram conduzidos no sentido da busca de uma unidade cultural que pudesse integrar seus valores históricos e estéticos. A restauração de um bem cultural não busca “retorná-lo” a uma determinada época ou determinado “estilo” ou ciclo arquitetônico. Tem por objetivo avaliar todas as suas intervenções e julgar o significado de cada uma delas no contexto cultural em que foram realizadas. O restauro está ancorado na integração cultural dessas intervenções, sem preconceitos de ordem estética nem avaliações de natureza histórica.

O restaurador deve ter o comportamento de um verdadeiro cientista social, julgando a complexa produção humana, cuja existência, por vezes longa, agrega sucessivos valores culturais. O restauro deve perseguir os traços originais do bem cultural; mas, tal não sendo possível, deve realizar a integração de todas as legítimas intervenções em sua unidade estética e histórica. Intervenções que não sejam consideradas prejudiciais a essa unidade podem ser mantidas, desde que sejam integradas em sua revitalização.

Este projeto resgata características originais do monumento, preservando as diversas intervenções realizadas na edificação de singular significação em seu contexto Cultural. Promove a restauração de elementos arquitetônicos e decorativos do convento, suas capelas e claustro, bem como as talhas que integram a capela-mor, altares laterais e nave da igreja.

Foram realizadas rigorosas pesquisas iconográficas, acompanhadas de prospecções e investigações arqueológicas, em busca de elementos que pudessem permitir uma leitura completa das intervenções sofridas pelo monumento ao longo de tempo para sua adequada restauração.

O projeto está sendo conduzido com o mais profundo respeito aos traços originais do monumento, não permitindo intervenções que venham a descaracterizá-lo. A revitalização proposta, com a abertura desse monumento nacional ao grande público, contempla as mais modernas concepções de preservação cultural indicadas pelos órgãos internacionais de preservação de bens culturais, como a UNESCO, o Conselho da Europa e o ICOMOS (International Council on Monuments and Sites). A adaptação de alguns de seus espaços para utilização pela comunidade, com atividades sociais e culturais, como ainda com a instalação de lojas, cafés e locais para festas, recepções e outros eventos, promoverá a sua integração na vida social contemporânea, identificando-o com seus usuários e promovendo, assim, a mais eficaz forma de proteção e conservação do monumento.

A realização integral desse projeto garante a salvaguarda do monumento de ameaças à sua integridade física, como também de futuras intervenções que possam descaracterizá-lo. Assim, também fazem parte desse projeto intervenções necessárias às atividades religiosas atuais, realizadas sem comprometerem os traços originais do monumento.

O projeto possibilita a implementação de ações de sustentabilidade financeira após sua restauração através da criação de espaços com atividades sociais e culturais rentáveis, como um conjunto de lojas e uma cafeteria, a adaptação do refeitório e alguns espaços anexos para a realização de diversas atividades sociais, a construção de um teatro de arena e também a instalação de um centro cultural no alto do morro. “Restabelecer a trajetória histórica do convento de Santo Antônio é a nossa obrigação, como também contribuir para que o atual projeto de restauro deixe um legado para o patrimônio cultural, para a cidade do Rio de Janeiro e as gerações futuras.” (PIMENTEL, s/d, p. 5).

A revitalização, produzindo a integração do bem no contexto social contemporâneo, será fator primordial de sua permanência no tempo e no espaço. Vivendo o bem cultural, a sociedade integra-o em seu meio social, protegendo-o e provocando, por consequência, sua preservação. Imprescindível à continuidade da vida social, o patrimônio cultural somente poderá subsistir se integrado na vida contemporânea, participando de todos os valores dessa vivência coletiva.

## A IGREJA

A Igreja de Santo Antônio integra o complexo arquitetônico do Convento de Santo Antônio, situado no Morro de Santo Antônio, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Tem 29,39m de comprimento – da entrada ao arco-cruzeiro, com a largura de 8,99m; a capela-mor tem 8,86m de comprimento por 5,41m de largura. A nave tem a altura de 11,52m e a capela-mor tem 8,73m.

O Custódio Frei Francisco dos Santos (1608-1612), que era “sujeito de prudência, zelo e atividades para obras”, como diz Frei Jaboatão (RÖWER, 2008, p. 32), fez as plantas para os conventos de Olinda, Paraíba, Bahia, entre outros. Vindo ao Rio de Janeiro, teria feito o “risco do convento” e, em seguida, foi iniciada sua construção. Segundo Röwer (2008, p. 33), a maior parte da cantaria da Igreja foi executada pelo irmão leigo Frei Antônio do Rosário.

A pedra fundamental da Igreja foi lançada em 4 de junho de 1608, e, em 1628, a Igreja já estava toda acabada, fazendo frente com o Convento, tendo sido concluída a capela-mor em 8 de dezembro de 1616.

A Igreja é uma construção em alvenaria mista de pedra e de tijolos. Conforme identificado em prospecções, a maior parte dos vãos é estruturada por arcos de descarga em tijolos, mesmo onde se encontram portais com vergas em pedra.

A pavimentação atual da Nave é composta de peças de mármore branco, preto e rosa, colocadas em 1953, durante as obras conduzidas pelo IPHAN, sob a orientação dos arquitetos Lucio Costa e Orlando Reis. Os ladrilhos anteriores tinham sido colocados entre 1920-1926, por Frei Inácio Hinte. Provavelmente, o piso de mármore da capela-mor é o original instalado em 1856.

O forro de madeira existente, pintado de branco, foi colocado durante as obras de 1953. O forro anterior foi executado durante a intervenção de Frei Schlag e ainda existia, parcialmente, sobre este forro de 1953. Na verdade, o forro atual se utilizou, quando de sua execução, da estrutura abobadada realizada nas obras de Frei Schlag. O forro da década de 1920 teve sua parte mais alta rebaixada, perdendo a claraboia instalada anteriormente e a modulação de grandes painéis realizada por Frei Schlag.

Como citado nas *Crônicas dos Guardiões* (1953, s/p), no dia 15 de junho de 1953, a restauração entrou no interior da Igreja. O Patrimônio Histórico e Artístico Nacional fez-se representar pelos engenheiros-arquitetos Lucio Costa e Orlando Reis.

Os trabalhos em execução foram os seguintes: raspagem e reemboço das paredes pintadas a óleo; remoção da Via-Sacra embutida nas paredes com todos os aparelhos e enfeites em gesso; remoção da barra de gesso imitando mármore; caiação das paredes.

O teto arqueado e alteado no meio na última reforma em 1922 retornou, mais ou menos, à sua forma primitiva de caixão chanfrado. Recebeu uma tinta fosca a óleo de tonalidade branco pérola. Sancas, cimalthas e molduras das paredes e do teto foram folhadas a ouro.

Antes do forro executado por Frei Schlag, o forro primitivo da nave consistia em uma estrutura de seção trapezoidal, em saia e camisa, como pode ser verificado em fotografia publicada por Frei Sinzig (SINZIG, 1921, p. 188). Analogamente, esse tipo de forro, ao jeito de “gamela”, comprova-se como usual nessa época ao ser encontrado em algumas edificações quinhentistas e seiscentistas.

O partido adotado na fábrica original da igreja é o da Igreja de São Roque, de Lisboa, em que encontramos uma nave salão, com forro plano de madeira e capela-mor de largura inferior à da nave. Esse partido, o mais antigo e o mais simples, compreende três aberturas no pavimento de cima e uma (ou três) no térreo, enquadradas por cunhais salientes, com arremate superior com entablamento e frontão retilíneo, de gosto clássico, com um óculo. A autoria dessa obra inclui Afonso Álvares, Filippo Terzi e o Irmão Francisco Dias, que veio ao Brasil em 1577 para dirigir as obras dos Colégios da Companhia de Jesus, e possivelmente teria trazido o modelo de São Roque para as igrejas dos jesuítas. A Igreja pertence à produção arquitetônica do ciclo barroco, que alguns autores denominam como arquitetura jesuítica.

## FACHADA PRINCIPAL

A fachada primitiva da Igreja foi modificada entre 1920-1923, quando das intervenções realizadas pelos frades alemães, sob a direção do arquiteto Frei Feliciano Schlag. Tais intervenções podem ser consideradas as mais desastrosas para a integridade física e estética do conjunto arquitetônico. A alteração da fachada principal foi realizada totalmente sem compromisso com os valores estéticos e históricos desse monumento que durante três séculos manteve o frontispício de sua fábrica original.

A fachada original – com frontão triangular e óculo –, é típica das primeiras construções religiosas no Brasil, tanto franciscanas como jesuíticas ou beneditinas. Essa tipologia apresenta-se na Igreja de Nossa Senhora da Graça, em Olinda; na já demolida Igreja de Santo Inácio, existente no Morro do Castelo, no Rio de Janeiro; na Igreja Abacial do Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro; na Igreja da Misericórdia, em João Pessoa; na Igreja do Convento de Santa Clara, em Taubaté; na Igreja de Cosme e Damião, em Iguarassu, e na Igreja do Convento Santo Antônio, em Ipojuca.

A atual fachada é resultante das obras realizadas pelo IPHAN, em 1953, tendo a Igreja seu frontispício modificado – “simplificado”, sendo retirada a decoração aposta pelos alemães, de gosto “pseudo-neocolonial”, que modificara a fachada original de 1779. A direção das obras esteve a cargo dos arquitetos Lucio Costa e Orlando Reis.

#### Segundo registros do Convento,

A fachada da Igreja sofreu algumas modificações, voltando-se à simplicidade primitiva que caracteriza a fachada do Convento, desaparecendo todos os enfeites de emblemas, relevos, óculos e colunatas. Restaram para uma restauração posterior a remoção dos vitrais, o rebaixamento das janelas, colocação das grades respectivas, e acima de tudo o rebaixamento do telhado, em que não se tocou por se encontrar em perfeito estado. Os trabalhos foram orientados pelos engenheiros do Patrimônio Hist. e Art. Nacional, e custeados pelo Convento (CRÔNICA DOS GUARDIÕES, 1953, s/p).



Figura 1: Evolução da fachada: 1777, 1923, 1953 e proposta de restauração.

## ICONOGRAFIA

Na iconografia existente encontramos preciosas imagens do frontispício da Igreja com sua característica forma triangular:

1624: *Mapa do Rio de Janeiro*, publicado no *Reys-boeck van het rijcke brasilien...*, editado em Amsterdã. Exemplar existente na Biblioteca Nacional. S.L.R. 34-6-1. 21x16cm. Reproduzido in Silva-Nigra, D.C.M. da. *Construtores e Artistas do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1950.

1775: *Prospecto da cidade do Rio de Janeiro, 1775*. Louis dos Santos Vilhena. Desenho aquarelado. Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

1825: *Convento de Santo Antônio visto do Morro do Castelo*. Charles Landseer, 1825(?). Desenho original a bico de pena. *Rio de Janeiro Valley of Rio Comprido and Tijuca from Telegraph*.

1833: *Vista do Convento e Igreja*. W. Smyth, 1833. Desenho aquarelado.

1842: *Convento de Santo Antônio*. Heaton e Rensberg, 1842(?). Litografia. Aparece o muro da cerca dos franciscanos e pomar, além da grande construção ao fundo do Convento que desapareceu no período de aquartelamento militar.

1844: *Chafariz da Carioca*. Eduard Hildebrandt, 1844. Aquarela. Acervo Staatliche Museen zu Berlin.

1863: *Vista panorâmica do conjunto arquitetônico*. R. H. Klumb, 1863.

1885: *Convento de Santo Antônio*. Fotografia Santos Moreira, 1885.

1893: *Convento visto do Chafariz da Carioca*. 1893. Acervo George Ermakoff.

1910: *Convento de Santo Antônio*. Fotografia, 1910. Röwer, Basílio. *O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro*. 2ed. Rio de Janeiro: Convento de Sto Antonio, 1937.

1911: *Largo da Carioca*. Fotografia Malta, 1911. Acervo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

1913: *Campanário e Igreja*, 1913. P. Sinzig, OFM. *2.Jahrbuch der südbrasilianischen Franziskanerprovinz 1911-1912*. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1913. p. 161.

1922: *Vista Geral*, 1922. *A Província Franciscana da Immaculada Conceição do Brasil 1822-1922*. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1922. p. 64 A.

1924: *Convento de Santo Antônio*. Revista *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, fev. 1924.

1937: *Vista geral*. Fotografia. 1937. RÖWER, Basílio. *O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro*. 2ed. Rio de Janeiro. Convento de Sto. Antônio, 1937.

1937: *Igreja de Santo Antônio*. Fotografia, 1937. RÖWER, Basílio. *O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro*. 2 ed. Rio de Janeiro. Convento de Sto. Antônio, 1937.

## INTERVENÇÃO NA FACHADA PRINCIPAL

Para a realização de uma intervenção que recuperasse a legítima identidade da Igreja, a grande modificação realizada pelos frades alemães e a contemporização estética realizada em 1953 não poderiam ser consideradas restaurações adequadas. A única restauração possível deveria buscar a fachada que perdurou de 1779 a 1920.

Essa fachada deve ser considerada como a fachada de composição arquitetônica mais consistente da Igreja. Com sua finalização em 1779, encerrou-se o período de grandes alterações formais da Igreja primitiva que, apesar de ter suas obras iniciadas em 1608 e acabadas, num primeiro momento, em 1628, passou, depois disso, por dois períodos de acréscimos em sua volumetria.

O primeiro acréscimo foi para os fundos, na capela-mor, e o segundo, justamente na evolução de uma fachada primitiva (cujos elementos não possuem uma descrição precisa), para uma fachada que possuía uma galilé construída à frente do alinhamento primitivo, e que, num último estágio, concluído em 1779, deslocou-se integralmente para a frente, ocupando também o espaço da galilé.

Após sua finalização, a única alteração conhecida em sua composição ocorreu já na década de 1910, quando as janelas do coro, em guilhotina, foram substituídas por folhas verticais com postigos.

A restauração da fachada frontal da Igreja de Santo Antônio comprova-se tecnicamente viável, tanto devido a aspectos que se referem diretamente aos elementos que a compunham anteriormente e que foram modificados, removidos ou substituídos: o frontão triangular, os coruchéus, o óculo e as janelas; e, quanto à viabilidade de restauração de outros elementos do restante da construção que com ela se relacionam: o forro da Nave e o telhado.

Assim, o projeto propõe reverter parte das intervenções inadequadas (que sejam passíveis de reversão), realizadas, principalmente, a partir da década de 1920, tais como o forro e o telhado alteados, o forro rebaixado sob o

coro, o púlpito reposicionado e os azulejos de fábrica recente, e, expor, através de janelas no revestimento, elementos primitivos da Igreja que resgatam aspectos dos seus usos e fluxos mais antigos, bem como de sua aparência, tais como os antigos confessionários, a antiga porta de acesso ao vestíbulo do Convento, o vão arqueado da antiga galilé e os três vãos originais da fachada.

A reconstituição da fachada frontal da igreja implicou, necessariamente, no retorno do forro e do telhado da nave à sua forma original, antes das obras da década de 1920, porque, durante tais obras, a modificação dessa fachada associou-se à mudança de formato do forro e conseqüente aumento de altura do telhado. O forro anterior às obras dos anos 1920 – que, segundo RÖWER (2008, p. 241), seria de fatura de 1699, constituía-se em formato trapezoidal, com tabuado transversalmente em padrão saia-e-camisa, como pode ser visto na foto por ele publicada.

## CORUCHÉUS

Apesar da inadequada intervenção na fachada da igreja, esta manteve, recobertos por tijolos, os seus coruchéus originais, que ficaram assim “protegidos” para sua volta à luz. Nas prospecções realizadas nos atuais coruchéus, após a retirada dos tijolos de sua base, foram encontradas as bases dos coruchéus originais de pedra, sem as esferas que os encimavam.

Assim, com o encontro desses coruchéus originais, complementando-os com as esferas, foram propostos o resgate do frontão original da fachada da igreja e o rebaixamento das janelas, com a conseqüente retirada dos vitrais e, como já assinalara o guardião do Convento nas *Crônicas* citadas, o que seria feito em uma próxima restauração (1953). Infere-se daí que o guardião tinha como propósito retornar o monumento à sua origem, retirando todas as intervenções feitas pelos alemães.

## ÓCULO

O frontão original, como foi visto na iconografia consultada, apresentava um óculo circular cuja cercadura interna de pedra foi encontrada após a prospecção realizada, podendo o mesmo ser resgatado em seu tamanho e posição originais.

Os frisos que contornam o frontão triangular aparecem em diversas fotografias, podendo seu perfil ser redesenhado de acordo com sua fatura original e em continuidade à cimalha dos cunhais.

Com o prosseguimento das prospecções, foram encontrados os vestígios do desenho original do frontão triangular que estava encoberto pelo revestimento do frontão curvo construído pelos alemães, como aconteceu com os dois coruchéus e a base da cruz. Na retirada do material que fechava o óculo foi encontrado um fragmento da esfera de um dos coruchéus, o que permite a exata reconstituição de seu tamanho.

## JANELAS DA IGREJA

As três janelas do coro na fachada principal deverão ser rebaixadas para sua altura original, conforme pode ser constatado em toda a iconografia consultada. O seu alteamento foi também realizado quando da intervenção dos alemães. O tipo de esquadria é o de guilhotina, com caixilharia de vidro, com quinze painéis em cada folha. As esquadrias deverão ser executadas em madeira de acordo com as referências encontradas na iconografia. As atuais vergas arqueadas deverão ser substituídas por vergas retas, como eram originalmente. Há no Convento diversas peças de pedra que poderão ser reaproveitadas para execução dessas vergas. Os vitrais foram retirados e recolhidos ao acervo do Convento, como documentação da intervenção dos anos 1920.

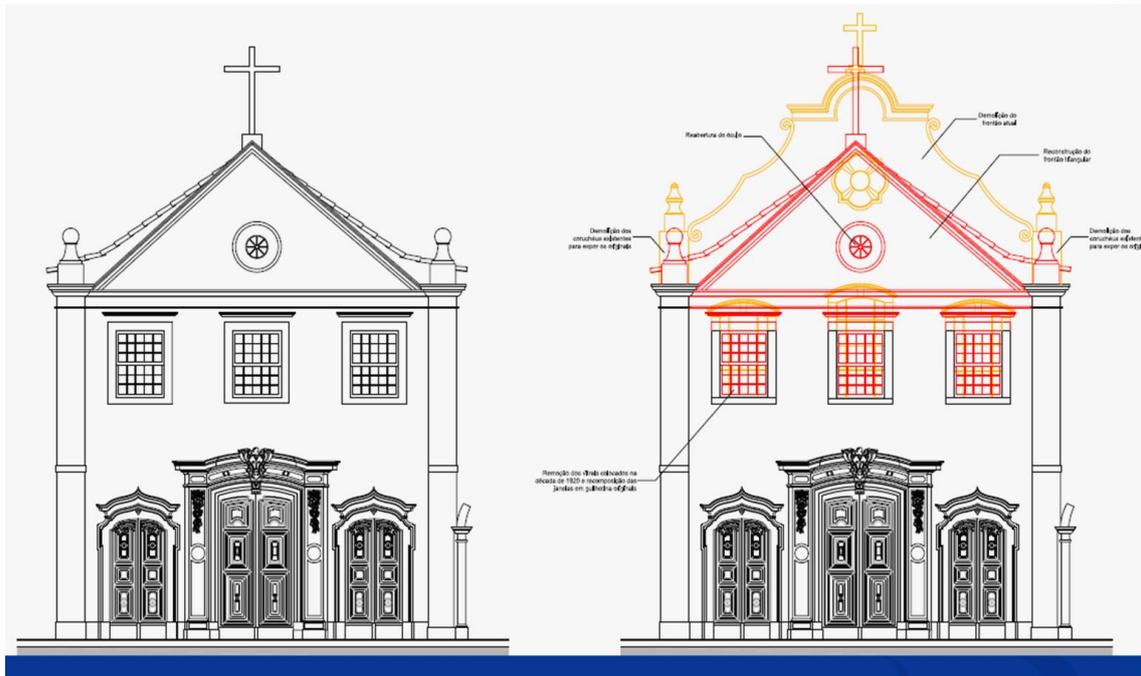


Figura 2: Fachada principal proposta e sua proposição sobre a atual.

## NAVE

Com as prospecções realizadas nas paredes laterais e fronteira da nave surgiram alguns elementos arquitetônicos: três confessionários e vãos com cercaduras de pedra, como também os antigos arcos semicirculares em cantaria da galilé.

## CONFESSIONÁRIOS

Frei Röwer relata a descoberta desses confessionários:

[...] Quando, em 1936, se procedeu à renovação de grande parte da parede, lado do Evangelho (esquerdo), cujo revestimento e barra se desprenderam e ameaçavam cair, tornou-se necessário cortar o grosso emboço até descobrir as pedras. Nessa ocasião, os religiosos tiveram a surpresa de ver aparecer quatro nichos arqueados de 1,80m de altura por 80cm de largo. Estavam

murados com tijolos, mas um exame mostrou que por dentro estavam cheios de pedras soltas e com revestimento branco bem conservado. Que era isto? Tinham sido desses confessionários originais que antigamente existiam também no claustro e onde se confessavam os homens vis-à-vis do sacerdote, sentado no nicho. Essa era uma particularidade que até hoje não encontramos em nenhuma outra igreja. Se Frei Serafino acabou com a tradição de 100 anos foi, certamente, por causa dos inconvenientes que daí resultavam. (RÖWER, 2008, p. 242).

Depois de realizadas as prospecções na parede referida por Frei Röwer, foram encontrados três desses confessionários, com seus pisos originais de tijolos e parte de seu revestimento de argamassa de cal. Os confessionários em forma de nicho, construídos na parede da nave concluída em 1628, são considerados os mais antigos do Brasil, pois outros semelhantes só são conhecidos na Igreja do Convento de Santa Teresa de Ávila, em Salvador, Bahia, concluída em 1697.

No Mosteiro dos Jerônimos, em Lisboa, cuja construção data de 1501, existem doze exemplares desses confessionários, do lado do Evangelho, integrados na construção do edifício, com o acesso do confessor pelo claustro e do penitente pela nave da igreja, com uma grade de separação entre eles. Os confessionários integrados à construção do edifício foram substituídos pelos confessionários móveis a partir do Concílio de Trento (1545-1563).

Os três confessionários da Igreja de Santo Antônio foram emparedados em 1710, ficando até 1936 nessa condição, quando foram encontrados durante a substituição do revestimento e novamente ocultados. O primeiro tem 2,00m de altura por 1,03m de largura, com a profundidade de 0,86m, o segundo tem 2,10m de altura por 1,01m de largura e 0,90m de profundidade, e o terceiro tem 2,08m de altura, com 1,03m de largura e 0,88m de profundidade, todos com cobertura em arco semicircular. Esses confessionários tinham comunicação com o claustro do Convento.

## PÚLPITO

Como documentado em fotografias de época, o púlpito existente estava em local acima da atual posição, tendo sido deslocado em 1923. Assim, com a prospecção realizada no local foi encontrada a sua abertura original, com escada de acesso para o corredor do primeiro pavimento e elementos construtivos originais, o que possibilita a correta recolocação do púlpito na sua posição original e a reconstituição de seu acesso pelo corredor do Convento.

## PORTA DE ACESSO À PORTARIA

Com o corte ao longo das paredes da nave foram encontrados diversos vãos de portas, entre eles, uma porta de acesso à portaria. Frei Romão do Bom Sucesso (1699) aumentou a igreja para a frente, acrescentando um alpendre, e abriu essa porta para a portaria. Com a prospecção realizada foi encontrada a cantaria dessa porta, certamente aberta em 1699. Esse vão deverá ser aberto para sua completa identificação, devendo ser estudada a possibilidade de ser restabelecida a ligação da nave com a portaria, em função da circulação a ser criada com o projeto de revitalização do monumento. Foi encontrado outro vão próximo à porta anteriormente citada. Desse elemento não há nenhuma referência bibliográfica. Com a sua abertura total, poderá ser encontrada alguma ligação com a antiga torre sineira, cuja construção não foi concluída.

## ARCO ABATIDO NO LADO DA EPÍSTOLA

Situado na antiga galilé, ao lado da Igreja da Penitência, um arco abatido foi resgatado, elemento arquitetônico que também não é citado em

nenhum texto. Trata-se da abertura lateral da galilé, que é também encontrada em algumas outras igrejas franciscanas, como no Convento de São Bernardino, em Angra dos Reis (RJ) e de Ipojuca (PE). O projeto deverá manter esse vão cerrado, mantendo-se à vista sua cantaria.

### OS TRÊS ARCOS DA GALILÉ

Em continuidade à prospecção, na parede fronteira, foram encontrados os dois arcos laterais, semicirculares, em cantaria, da antiga galilé, construída entre 1777 e 1781. Do arco central apenas restaram os dois encontros, uma vez que a porta posteriormente colocada é maior que a antiga arcada. As prospecções levaram à descoberta dos pilares dos três arcos semicirculares do antigo frontispício da igreja. Assim, com a superposição dos dois traçados, pode-se visualizar a modificação que essa frontaria sofreu com o fechamento da galilé. O projeto propõe a exposição desses arcos originais em contraponto com as atuais cercaduras dos três vãos.

### FORRO DA NAVE

O forro existente na nave foi colocado quando da intervenção feita pelo IPHAN, em 1953:

O teto arqueado e alteado no meio na última reforma em 1922 voltou mais ou menos à sua forma primitiva de caixão chanfrado. Recebeu uma tinta fosca a óleo de tonalidade branca pérola. Sanca, cimalkas e molduras das paredes e do teto foram folhadas a ouro. (CRÔNICAS DOS GUARDIÕES, 1953, s/p).



*Figura 3: Forro original da nave. Fonte: SINZIG (1921, p.188).*

No processo de restauro, o forro executado em 1953, sob a orientação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), foi retirado e substituído por um forro de madeira com o perfil do forro original da nave, em decorrência dos elementos arquitetônicos descobertos com as prospecções realizadas e confirmado pela documentação fotográfica existente, como a imagem publicada por Frei Sinzig em 1921.

Esse tipo de forro é encontrado em algumas edificações quinhentistas e seiscentistas, tais como: Igreja Nossa Senhora da Graça, Olinda (PE), 1567; Igreja de Santo Inácio, do antigo Colégio dos Jesuítas, Rio de Janeiro, 1585; Igreja da Companhia de Jesus, Embu, (SP), 1690 (?); Capela de N. S. da Conceição, Voturuna (SP), 1628 (?).

## AZULEJARIA NA NAVE

A nave tinha as paredes revestidas com azulejos colocados em 1987, com altura de 1,71m, de fabricação nacional e de discutível valor estético. Os azulejos colocados por Frei Francisco da Conceição Valadares, entre 1781-1784, foram retirados por volta de 1920-1926, sendo substituídos por uma barra de imitação de mármore durante as obras realizadas em 1953. Essas obras deixaram as paredes totalmente lisas, trocando os painéis que imitavam mármore por reboco convencional e caiação. Em 1987, foram fabricados e colocados novos azulejos, com vistas a guarnecer as paredes contra sujidades e contra a infiltração da água benta, aspergida em grande quantidade sobre os fiéis e, por consequência, sobre as paredes. Esses azulejos foram colocados possivelmente à revelia do IPHAN, já que não atendem a critérios mínimos de intervenção.

Antes de 1922, os azulejos eram os que aparecem no livro de Sinzig, já citado. Tratava-se, assim parece, de uma barra de azulejos em tons de ocre, com campos decorativos, semelhantes aos azulejos que ainda existem na portaria e na Capela de Nossa Senhora das Dores, com altura em torno de 1,20m. Impossível recuperar tais azulejos que constituíram a segunda forração da nave. Esses azulejos substituíram os originais, colocados entre 1707-1710 e substituídos entre 1781 e 1784 por aqueles presentes na foto de 1921, portanto, antes da intervenção de Frei Schlag.

A permanência de um revestimento impermeável nas paredes da nave é indispensável para sua proteção, como também é uma característica das edificações franciscanas. Assim, as paredes da nave deverão ser revestidas com novos painéis de azulejos, na altura dos antigos azulejos, com predominância de suas cores originais, e com uma composição estética a ser criada por um artista contemporâneo.

Durante o Guardianato de Frei Hinte, em fevereiro de 1923, foi realizada a reforma do coro dos religiosos, e tal era o estado ruinoso dos barrotes que se tornou necessário desmontá-lo totalmente. Na reconstrução, o comprimento do coro foi diminuído em 3,20m e, em virtude disso, foi deslocada sua porta de ingresso.

Em consequência dessa intervenção, o forro sob o coro foi rebaixado cerca de 0,35m, como foi constatado durante as prospecções realizadas. O rebaixamento desse forro escondeu a parte superior do arco abatido que foi encontrado nas prospecções, confirmando que realmente era mais alto do que hoje se apresenta, e ficou muito próximo à verga da porta principal do frontispício da Igreja. O coro teve uma de suas janelas (lado da Epístola) fechada pela parte de dentro. Esse vão foi reaberto, completando a iluminação natural do coro, como também permitindo a maior ventilação do ambiente.

O projeto de restauro contempla a recomposição do forro sob o coro para a antiga altura, liberando assim não apenas o arco abatido encontrado no lado da Epístola, mas também a verga da atual porta do frontispício da Igreja.

## CAPELA-MOR

Com referência à capela-mor, nas Crônicas dos Guardiões, já citadas, encontramos interessantes observações que esclarecem a situação em que se encontravam as talhas da Igreja.

[...] A grande riqueza artística da nossa Igreja é a talha de madeira. Infelizmente os nossos bons confrades do século passado deram várias caiações em cima da madeira dourada completando-se depois a devastação por duas mãos de tinta a óleo sobrepostas. A restauração é feita a ponta de ferramenta raspando-se a cal e as tintas, porque não há removedor humido (sic) que não afete a base de gesso. O ouro velho apresenta-se bastante queimado e a própria base de gesso em parte podre pela umidade da cal. Pouco salvar-se-á da pintura antiga. As cores antigas que encontramos na Capela-Mor é o vermelho grená, sendo o relevo em ouro fosco e brilhante. Na

nave da Igreja, nos altares laterais, galerias e balaustradas predomina o ouro sobre o azul da Prússia. (CRÔNICAS DOS GUARDIÕES, 1953, s/p).

A restauração de toda a capela-mor foi realizada por equipe especializada de restauração de talha, pintura e imaginária sob a coordenação da restauradora Magaly Oberlaender.

O arco-cruzeiro, executado na intervenção do IPHAN, em 1953, foi desmontado, devendo ser reconstituído de acordo com a documentação fotográfica existente, complementado com elementos decorativos que se acham resguardados nos depósitos do Convento, segundo proposta da restauradora Magaly Oberlaender.



*Fig. 4. Nave. Projeto. Maquete digital. Acervo particular.*



*Fig. 5. Coro. Projeto. Maquete digital. Acervo particular*



*Fig. 6. Tribunas, púlpito e confessionários. Projeto. Maquete digital. Acervo particular.*

## A EDIFICAÇÃO CONVENTUAL

### PORTARIA

Entre 1781 e 1784, Frei Francisco, guardião, mandou vir ladrilhos de mármore para o pavimento da Portaria, quando, podemos supor, teriam sido colocados também os azulejos que forram essa portaria. Esses azulejos são semelhantes em cor aos azulejos que aparecem na fotografia de 1921 (SINZIG, 1921, 1888).

### AZULEJARIA NA SALA CANTONEIRA

A sala cantoneira sul foi forrada “com finos azulejos”, como diz Röwer (2008, p.139), entre 1796 e 1799. Foram colocados quatro grandes painéis e outros vinte e dois menores em “estilo Dona Maria I”, ainda existentes nesse espaço, devendo permanecer após seu tratamento técnico.

### CELAS E CIRCULAÇÕES

O projeto de restauro contempla a total revitalização de todas as celas e circulações – corredores, rampas e escadas do Convento. Algumas celas do Convento serão dotadas de instalações sanitárias privativas. Também serão construídos conjuntos sanitários nos dois pavimentos superiores do Convento para atendimento de toda a comunidade. O Convento e a Igreja serão equipados com sistemas de comunicação interna, internet, televisão, segurança patrimonial, prevenção contra incêndio, água quente e ar-condicionado central.

## REFEITÓRIO

As paredes do refeitório eram revestidas com azulejos colocados entre 1748 e 1751, no Guardianato de Frei Manuel de São Roque. Esses azulejos, divididos em painéis, representando cenas de caça, foram retirados, sendo encontrados atualmente na capela privativa dos religiosos – a capela das relíquias – no segundo pavimento. A pavimentação original em blocos de pedra também foi retirada, sendo substituída por ladrilhos hidráulicos, certamente de fabricação francesa, que foram descobertos após a pesquisa e que serão restaurados.

## CAPELAS E NICHOS DO CLAUSTRO

O claustro apresenta quatro capelas: Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Conceição, São Joaquim, capela da Porciúncula, e ainda mais dois nichos – nascimento e morte de São Francisco. Todos esses espaços foram restaurados pela equipe de restauro de talha, pintura e imaginária.

## CLAUSTRO

As quatro alas que compõem o claustro estão pavimentadas com pedras de gnaiss e com mármore de Lioz, com intervenções de argamassas de cal e areia, devendo, cada uma, receber um tratamento específico. Tais alas serviram de sepulturas para religiosos e leigos, estando hoje desativadas. Todas as pavimentações deverão ser restauradas de acordo com suas formas originais.

Em 1913, foram executadas obras de ajardinamento no claustro, com a retirada da sua pavimentação original em pedra, com o plantio de diversas espécies vegetais, algumas de grande porte. O projeto propõe a valorização desse espaço com a execução de superfícies gramadas, com calçadas pavimentadas com blocos de pedra.

## REVITALIZAÇÃO E ANIMAÇÃO CULTURAL

O projeto contempla a revitalização e animação desse inestimável complexo arquitetônico de marcas profundas na história do Rio de Janeiro, cidade reconhecida pela UNESCO como *Paisagem Cultural da Humanidade*, e na própria história nacional, conduzindo à sua integração no contexto social contemporâneo, fator primordial de sua permanência no tempo e no espaço.

## JARDIM DO MAUSOLÉU IMPERIAL

O Mausoléu é de construção recente. Data de 1937, e à sua inauguração compareceu em caráter oficial D. Darcy Vargas. Aqui encontraram abrigo os restos mortais da primeira Imperatriz do Brasil, Dona Leopoldina, falecida em 1826 e sepultada no Convento da Ajuda, onde permaneceu até 1911. No Convento de Santo Antônio ficaram seus restos mortais até 1954, quando foram transladados para o Monumento do Ipiranga, em São Paulo.

No Mausoléu estão sepultados: D. João Carlos Borromeu e D. Paula Mariana, filhos de D. Pedro I e D. Leopoldina; D. Antônio Afonso e D. Afonso, filhos de D. Pedro II e D. Teresa Cristina; e Luísa Vitória, filha da Princesa Isabel, que nasceu morta. Desde 1982, repousam também, vindos de Portugal, os restos mortais da princesa D. Maria Amélia, filha de Pedro I e D. Amélia Augusta. O Mausoléu abriga também o ossuário dos religiosos.

A área existente entre o Convento e o Mausoléu foi modificada, permanecendo apenas uma antiga cisterna, construída antes de 1697. Nessa área foi construído um jazigo vertical que até hoje é utilizado para sepultamento dos religiosos.

O projeto propõe a valorização desse espaço com destaque para a cisterna do século XVII. Bancos para contemplação, jardins e passadiços para melhor circulação serão construídos de forma a serem utilizados pela comunidade e público visitante.



*Fig. 7. Jardim do Mausoléu Imperial. Projeto. Maquete digital. Acervo particular.*

## JARDIM DO AQUEDUTO

O espaço junto ao antigo Aqueduto da Carioca será revitalizado com a construção de um teatro de arena para apresentações culturais, integrado ao

refeitório do Convento e com a valorização do antigo túnel e tanques remanescentes desse antigo sistema de abastecimento de água para o Chafariz da Carioca.



*Fig. 8. Teatro de arena, tanques e túnel do antigo Aqueduto da Carioca. Projeto. Maquete digital. Acervo particular.*

## SUSTENTABILIDADE

Não se concebe restaurar um conjunto arquitetônico com a importância histórica e artística desse Convento, que vem demandando recursos expressivos para protegê-lo e reintegrá-lo com dignidade ao patrimônio da cidade, sem prever ações que permitam manter a sua integridade por um longo período e justifique os recursos aplicados. O projeto contempla uma

infraestrutura adequada, com acessibilidade para todas as idades e ações de autossustentabilidade.

Dentro da conceituação contemporânea de preservação do patrimônio cultural em diversos países, o projeto de restauração e revitalização do Complexo Arquitetônico do Convento e da Igreja de Santo Antônio propõe atividades que possam auferir recursos para a permanente conservação desse monumento nacional, entre tais, atividades culturais, instalação de lojas, cafeteria, atendimento religioso, velário e um centro cultural.

## INSTALAÇÃO DE LOJAS

O projeto inclui a construção de um conjunto de lojas sob o adro da Igreja para locação ou utilização pelos próprios franciscanos para venda de objetos religiosos, livros, etc. Essa construção não irá interferir no conjunto arquitetônico, pois será localizada sob o adro da Igreja, com uma área total de 474,15m<sup>2</sup>, com instalações sanitárias, administração e portaria. O acesso será feito pelo piso do atual velário, junto à escadaria. O espaço deverá ter sistema de condicionamento de ar, contando com total acessibilidade aos portadores de necessidades especiais.

A instalação dessas lojas, além de visar a autossustentabilidade do monumento tombado, suprirá a necessidade de oferecer ao público produtos culturais de qualidade, e, também, artigos religiosos que atualmente são vendidos de forma precária, em barracões de madeira situados na frente da Igreja, e que provocam interferência na visibilidade do monumento.

## CAFETERIA E INSTALAÇÕES PARA ATENDIMENTO RELIGIOSO

O número de visitantes que afluem diariamente ao conjunto tombado, e que tenderá a aumentar após a conclusão de sua restauração, como também

pela programação cultural que se tornará realidade, exige a instalação de uma cafeteria, em condições que não venham a provocar qualquer dano ou interferência ao conjunto arquitetônico. Essa cafeteria deverá ser instalada sob o antigo cárcere do Convento, ocupando uma área 140m<sup>2</sup>, com acesso próximo aos dois elevadores panorâmicos que serão instalados junto ao muro de arrimo.

O atendimento religioso ao público será localizado no subsolo do Convento, com instalações de salas reservadas para confissões, dotado de sanitários e serviço de copa.

## VELÁRIO

Um novo velário será localizado junto às rampas de acesso ao monumento, ao lado das instalações sanitárias de atendimento aos visitantes, também acessível aos portadores de necessidades especiais.

## CENTRO CULTURAL

As construções setecentistas remanescentes no alto do morro, ao fundo do Convento, integravam um conjunto articulado com a antiga enfermaria que foi demolida na primeira década do século passado. Restam os três edifícios ainda utilizados: a biblioteca, hoje ocupada por serviços de lavanderia e vestiários dos empregados, a enfermaria dos escravos, hoje uma carpintaria desativada e depósito de material inservível, e parte da enfermaria dos religiosos, hoje utilizada como hospedaria.

O projeto propõe a revitalização dessas construções que ainda apresentam elementos arquitetônicos originais, como um centro cultural, com espaços para auditório, sala de convenções, copa e instalações sanitárias, sala

de exposições permanentes e escritórios, bem como nova instalação da lavanderia e vestiários para os empregados, na área livre lateral. Estão previstos dois acessos ao conjunto para portadores de necessidades especiais: um, por parte da rampa existente nos fundos do Convento, e outro, por passarela pelo segundo pavimento.

## ACESSIBILIDADE AO COMPLEXO ARQUITETÔNICO

O projeto permite total acessibilidade do público a todas as atividades do Convento, sejam na Igreja, jardins e centro cultural, com escadas, rampas e elevadores, que permitem sua utilização por portadores de necessidades especiais.

## ELEVADORES INTERNOS

Os dois elevadores internos, acessados pelo túnel ao nível da praça, serão substituídos por outros de maior desempenho, compatíveis com o movimento do público que, nas terças-feiras, atinge cerca de 3 mil visitantes.

## TÚNEL DE ACESSO

Será procedida a valorização do túnel de acesso aos elevadores internos com um tratamento plástico-espacial para sua utilização para exposições transitórias e informações sobre as atividades religiosas.



*Fig. 9. Túnel de acesso. Projeto. Maquete digital. Acervo particular.*

## ELEVADORES PANORÂMICOS

A fim de complementar o acesso e tirar partido da vista local, serão instalados mais dois elevadores panorâmicos com entrada pela praça, conduzindo o público às rampas e elevadores internos que levam à Igreja e à portaria do Convento, permitindo assim a total integração de todos os espaços do complexo arquitetônico, com livre acesso por pessoas portadoras de necessidades especiais.

## EQUIPE TÉCNICA

A Equipe técnica de elaboração do projeto e execução das obras de restauro e revitalização do Complexo Arquitetônico do Convento e Igreja de Santo Antônio do Rio de Janeiro está sob a coordenação geral de Ana Lúcia Pimentel. Integrantes: Olinio Gomes P. Coelho e Felipe Borel, arquitetos responsáveis pelo projeto; Clemente Nigri, engenheiro civil, responsável pela execução; Magaly Oberlaender, historiadora da arte, museóloga e restauradora; Maria Emília Mattos, historiadora e museóloga; Maria Del Pilar Gomes, engenheira civil/consultora; engenheiro civil Ilton Neves do Amaral; arquitetos: Ana Cláudia Coelho, Ana Paula Oliveira, Anderson Pereira, Beatriz Steenhagen, Camila Oliveira, Claudia Bartoly, Etyenne Araújo, Eduardo Apfel, Karolina de Paula Koppke, Michelly Assunção, Pedro Pestana, Rosimeiri Mello, Thais Noel Miasato; estagiários de arquitetura Enzo Dornellas e Helena Ponce Maia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rodrigo M. F. de. *Artistas Coloniais*. Col. Cadernos de Cultura, 113. Rio de Janeiro: MES, 1958.

AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de. *O Rio de Janeiro: sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades*. 3.ed. Anotação E. de O. Belchior. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1969.

BRANDI, Cesare. *Teoria del Restauro*. Torino: Einaudi, 1963.

COELHO, Olinio Gomes P. *Do Patrimônio Cultural*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1992.

COSTA, Lúcio. Arquitetura dos Jesuítas no Brasil. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 5, 1941, p. 9-104.

CRÔNICAS dos Guardiões. Convento de Santo Antônio. Arquivo da Província da Imaculada Conceição. Rio de Janeiro: 1953, s/p. [Manuscrito]

FERREZ, Gilberto. *O Rio Antigo do fotógrafo Marc Ferrez*. Prefácio P. Nava. Rio de Janeiro: João Fortes/Ex Libris, 1984.

JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria, OFM. *Novo Orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense Maximiliano Gomes Ribeiro, reimpress. 1859,1862.

MARCINISZYN, Frei Albano, OFM. *Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro*. Separata da Revista Vida Franciscana, Rio de Janeiro, ano LII, n. 48, 1975.

PIMENTEL, Ana Lúcia. *Convento de Santo Antônio*. Folder. Rio de Janeiro: s/d.

PIZARRO E ARAÚJO, J. DE S. A.. *Memórias Históricas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

RÖWER, Basílio. *O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro: sua história, memórias, tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SILVA-NIGRA, Dom Clemente M. da. *Construtores e artistas do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1950.

SINZIG, P. Petrus, OFM. *Nach 30 Jahren: vierte chronik (1915-1921)*. Curitiba: Verlag des Franziskanerprovinzialats, 1921.

SOUZA, Wladimir Alves de. *Turismo Cultural*. II Encontro de Governadores sobre a Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Natural do Brasil, Salvador, 1971. [Mimeografado]

Recebido em 03.09.2017

Aceito em 04.12.2017